



<https://doi.org/10.36592/opiniaofilosofica.v12.1025>

Suportar o insuportável: a normalização do medo e da produção da vida danificada – um diálogo a partir de Zygmunt Bauman¹

Bearing the unbearable: the normalization of fear and the production of damaged life – a dialogue from Zygmunt Bauman

Evandro Pontel²

Olmaro Paulo Mass³

O “medo” é o nome que damos a nossa incerteza: nossa ignorância e da ameaça e do que deve ser feito – do que pode e do que não pode – para fazê-la ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do alcance⁴

Resumo

A presente reflexão visa abordar, a partir da leitura de Zygmunt Bauman, a normalização do medo e a danificação da vida nas sociedades tardo-capitalistas em que vivemos. A partir disso, buscaremos apresentar como ao longo da estruturação da modernidade a vida passou a ser circunscrita por uma série de elementos que passaram a gerar inseguranças e medos, sobretudo por se tratar de tempos líquidos e voláteis em que tudo acontece sob uma vertiginosa rapidez. Essa constatação, por conseguinte, coloca em questão o modo como as pessoas lidam com tais mutações, especialmente em tempos de pandemia em escala global.

Palavras-chave: medo. vida danificada. racionalidade instrumental.

¹ Uma primeira versão dessa reflexão foi publicada em: MASS, Olmaro; PONTEL, Evandro. Suportar o (in)suportável e a normalização do medo e da vida danificada um diálogo a partir de Zygmunt Bauman. In: PONTEL, Evandro. et al. (Org.). *Diagnóstico do tempo: implicações éticas, políticas e sociais da pandemia*. 1ed. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2020, p. 463-482.

² Doutor em Filosofia e Professor colaborador – Escola de Humanidades. Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Editor Assistente na Revista Veritas – PUCRS. Bolsista PNPd/CAPES. E-mail: epontel@homail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-9659-4231>

³ Doutor em Filosofia – Unisinos. [Pós-doutoramento em Filosofia – Unisinos (2019), com pesquisas em Memória, justiça e ética em Walter Benjamin e Theodor W. Adorno].

E-mail: olmaro2017@gmail.com; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9026-0644>

⁴ BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. Trad. Carlos Aberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 8.

Abstract

This reflection aims to address, from the reading of Zygmunt Bauman, the normalization of fear and the damage to life in late capitalist societies in which we live. From this, we will seek to present how, throughout the structuring of modernity, life came to be circumscribed by a series of elements that started to generate insecurities and fears, especially because they are liquid and volatile times in which everything happens at a dizzying speed. This finding, therefore, calls into question how people deal with such mutations, especially in times of pandemic on a global scale.

Keywords: fear. damaged life. instrumental rationality.

A partir da concepção de Bauman as barbáries e acontecimentos violentos que se deram durante o século XX e XXI são resultantes do modelo de racionalidade instrumentalizada que tomou conta da estruturação da ciência por meio da técnica, que acabou por delimitar a própria vida humana. Diante de um cenário de incertezas, a percepção dos indivíduos passa a ser definida a partir de um conjunto de aspectos que se estabelecem em um patamar de nebulosidade e assombro, pois estão presentes uma série de medos e de possíveis acontecimentos imprevisíveis, em um contexto amplo e múltiplo, mas sistematicamente delineado pela lógica tardo-capitalista que se rege pelas regras do mercado e que determina os processos de (des)subjetivação. Assim, diante desse cenário, a tarefa que emerge se situa em compreender como o humano passou a suportar o (in)suportável, como resultado de uma racionalidade técnica instrumentalizada e das novas formas de dominação e de manipulação da natureza que determinam como a vida humana e as demais formas de vida em escala planetária vivem, em um alerta que coloca em questão o próprio modelo societário vigente, sobretudo em uma convivência marcada pela pandemia⁵ e seus espectros presentes no dia a dia nos processos de socialização humana.

1 Modernidade líquida: tempos de mudanças, inseguranças e medos

Vivemos em um período histórico complexo e marcado por transfigurações,

⁵ Ver: DAVIS, Mike, et al: Coronavírus e a luta de classes. Terra sem Amos: Brasil, 2020.

metamorfoses⁶ que não conseguimos assimilá-las e acompanhá-las e, por isso, há uma sensação de insegurança, desespero e medo. Com a chegada da modernidade, a realidade se transformou e as relações também sofreram profundas alterações, tanto por um lado, em nível microestrutural, no mundo da vida das pessoas, quanto por outro lado, em âmbito macroestrutural, de modo especial, na forma que as sociedades passaram a se organizar, a estabelecer seus processos de sociabilidade. A insegurança e o medo, por sua vez, passaram a fazer parte do cotidiano da vida das pessoas e, diante desse panorama fez-se necessário aprendermos a conviver com as situações que vão se transformando rapidamente.

Esse estado de coisas afetou a própria noção de vida, do que significa viver, de normalidade, bem como, em sentido oposto, de excepcionalidade, haja vista que, situações até então impensadas e imprevistas passaram a ganhar espaço e tornarem-se regras básicas no seio da convivência humana. Isto é, alterou-se o modo de ser e de nos relacionarmos conosco mesmos, com os outros e, com o mundo. As relações, as referências, os conceitos universais, crenças, convicções e instituições sofreram transfigurações inegáveis e inescapáveis desde o século XIX, passando pelas experiências dolorosas do século XX, até a época presente, com o desencadeamento de metamorfoses profundas no campo social. Diante disso, de acordo com Zygmunt Bauman, a partir do conceito de *modernidade líquida*, se torna possível compreender, explicitar e interpretar esse conjunto de transformações que passou a demarcar a vida nas sociedades dos tempos que correm. Isso posto, cabe perguntar: quais são as principais características da modernidade líquida? Quais seus sintomas nos tempos presentes? Que consequências essa configuração traz para a vida social dos indivíduos, especialmente em um panorama de pandemia?

Assim, conforme Zygmunt Bauman vivemos atormentados e envolvidos em inúmeras situações de morte ou ameaças à vida que estão difusas nas experiências visíveis, mas também, por vezes silenciosas, que expressam uma espécie de sobrevivência diante da tentação de thanatos que ronda a convivência humana⁷. Tais ameaças à vida são carregadas de significados e experiências rotineiras que ferem a própria noção basilar de dignidade humana e daquilo que ainda podem

⁶ BECK, Ulrich. *A metamorfose do mundo: como as alterações climáticas estão a transformar a sociedade*. Trad. Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2017.

⁷ Cf. SOUZA, Ricardo Timm de. *Crítica da razão idólatrica - tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência*. 1. ed. Porto Alegre: Zouk, 2020.

significar a concepção paradoxal de direitos humanos⁸, surgida no efervescer da era moderna. Portanto, vivemos com uma sensação de insegurança, pois a qualquer momento podemos ser atingidos pelo mal que nos rodeia e, assim, nos tornamos vulneráveis ao medo, ao perigo que cerca e que provoca uma sensação de pânico silencioso, porém atormentador. Aterrorizantes, tais situações transformam a vida das pessoas e podem ser assim caracterizados nas palavras Zygmunt Bauman:

Os perigos pelos quais se tem medo (e também os medos derivados que estimulam) podem ser de três tipos. Alguns ameaçam o corpo e as propriedades. Outros são de natureza mais geral, ameaçando a durabilidade da ordem social e a confiabilidade nela, da qual depende a segurança do sustento (renda o emprego) ou mesmo da sobrevivência no caso de invalidez ou velhice. Depois vêm os perigos que ameaçam o lugar da pessoa no mundo – a posição na hierarquia social, a identidade (de classe, de gênero, étnica, religiosa) e, de modo mais geral, a imunidade à desgraça e à exclusão social.⁹

Nesse contexto, o conceito de modernidade líquida construído por Zygmunt Bauman se tornou uma das análises e um dos mais influentes nos estudos sociológicos para compreendermos a realidade atual e as transformações recentes que ocorreram e vem ocorrendo na atualidade. Quando se aborda a concepção de modernidade líquida toda estrutura e arcabouço social, cultural, político, ético e estético expostos e firmados em torno da relativa fixidez moderna diluem-se e dissolvem-se, devido a fluidez, a impermanência e a constante mudança. O conceito de modernidade líquida pode ser assim caracterizado; vivemos em uma época demarcada pela incapacidade de manter determinados conceitos tradicionais, as normas dadas e as verdades que se tornaram transitórias devido à sua fluidez e a mobilidade.

Frente a essa perspectiva, qual seja, da modernidade líquida as transformações influenciam diretamente no modo de ser e de agir das pessoas. Por outro lado, se as relações entre os indivíduos se transformaram, tornaram-se **vulneráveis** na medida em que os parâmetros concretos se individualizaram, ou são compreendidos de forma isolada de seus contextos e, muitas vezes, distorcidos em vista de interesses próprios. Destarte, a liquidez a que Zygmunt Bauman alude é precisamente essa inconstância e incerteza de pontos de referência socialmente constituídos e recolocados:

⁸ Ver: DOUZINAS, Costas. *O fim dos direitos humanos*. Trad. Luzia Araújo. São Leopoldo: Unisinos, 2009.

⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. Trad. Carlos Aberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 10.

São esses padrões, códigos e regras a que podíamos nos conformar, que podíamos selecionar como pontos estáveis de orientação e pelos quais podíamos nos deixar depois guiar, que estão cada vez mais em falta. Isso não quer dizer que nossos contemporâneos sejam livres para construir seu modo de vida a partir do zero e segundo sua vontade, ou que não sejam mais dependentes da sociedade para obter as plantas e os materiais de construção. Mas quer dizer que estamos passando de uma era de 'grupos de referência' predeterminados a uma outra de 'comparação universal', em que o destino dos trabalhos de autoconstrução individual [...] não está dado de antemão, e tende a sofrer numerosa e profundas mudanças antes que esses trabalhos alcancem seu único fim genuíno: o fim da vida do indivíduo.¹⁰

Esses pontos de referências, acima mencionados, estavam fixados em pilares historicamente constituídos e normatizados – que alicerçavam uma espécie de tradição – solidamente fundamentados e estruturados em conceitos que eram repassados e vividos de geração em geração. Com a modernidade líquida rompe-se com certa tradição, o que ocasiona nas pessoas outra forma de pensar e de se relacionar com o mundo. A realidade atual oferece muitas escolhas, opções e parâmetros, seja para aderi-los ou não. Nessa direção, na compreensão de Zygmunt Bauman, se o futuro é nebuloso e assombroso com perigos e medos imprevisíveis, logo, não podemos ignorar que vivemos num contexto complexo e com poucas alternativas, cuja conformação muitas vezes é posta pelas normas do mercado. Diante de tal cenário, a vida humana e o planeta sofrem as consequências da racionalidade técnica instrumentalizada e das novas formas do tardo-capitalismo e os reflexos da industrialização e da manipulação da natureza¹¹. Nesse sentido para Zygmunt Bauman,

Esta nossa vida tem se mostrado diferente do tipo de vida que os sábios do iluminismo e seus herdeiros e discípulos avistaram e procuraram planejar. Na nova vida que eles vislumbraram e resolveram criar, esperava-se que a proeza de domar os medos e refrear as ameaças que estes causavam fosse um assunto a ser decidido de uma vez por todas. No âmbito líquido-moderno, contudo, a luta contra os medos se tornou tarefa para a vida inteira, enquanto os perigos que os deflagram – ainda que nenhum deles seja percebido como administrável – passaram a ser considerados companhias permanentes e indissociável da vida humana. Nossa vida está longe de ser livre do medo, e o ambiente líquido-moderno em que tende a ser conduzida está longe de ser livre de perigos e ameaças. A vida inteira é agora uma longa luta, e provavelmente impossível de vencer, contra o impacto potencialmente incapacitante dos medos e contras os perigos, genuínos ou supostos, que nos tornam temerosos.¹²

¹⁰ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 14.

¹¹ Ver: FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato si'*: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus, São Paulo: Loyola, 2015.

¹² BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. Trad. Carlos Aberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 15.

Nessa acepção, portanto, a modernidade líquida colocou o que era estático e fixo em questão, isto é, veio para colocar em xeque, ‘desmanchar no ar’ tudo aquilo que era estável, duradouro, genuíno e, previamente definido para ser vivido, sem poder ser questionado acerca de suas razões de ser e de sua permanência como norma a ser seguida. A modernidade líquida emergiu com as promessas iluministas¹³ assim compreendidas como projeto de emancipação. O ponto de partida do projeto iluminista, na tentativa de buscar a emancipação, teve como centralidade a afirmação da subjetividade assente numa racionalidade própria e vinculada estritamente a partir do eu-pensante, como autolibertação na relação estabelecida entre sujeito e natureza, entre sujeito e divindade. Enquanto condição indispensável, o ser humano por meio da técnica passa a definir e a regradar as possibilidades de conhecimento com uma finalidade objetiva de conhecer e manipular os fenômenos da natureza. A especificidade da racionalidade moderna objetivada pela técnica em vista de promover os ideais iluministas, desencadeou o processo de barbárie civilizada e, conseqüentemente, a aniquilação e os sofrimentos humanos, que teve seu ápice no século XX, conforme assevera Douzinas: “[...] o século do massacre, do genocídio, da faxina étnica, a era do Holocausto. Em nenhuma outra época da história houve um hiato maior entre os pobres e os ricos do mundo ocidental e entre Norte e o Sul globalmente”.¹⁴

Nesse âmbito, diante dos fenômenos que a humanidade tem presenciado desde o florescer do controverso século XX e XXI, demarcado por barbáries e horrores sem precedentes¹⁵, mas que ainda dão o que pensar em tempos atuais (I e

¹³ Nas sábias palavras de Zygmunt Bauman: “Na verdade, nenhum molde foi quebrado sem que fosse substituído por outro; as pessoas foram libertadas de suas velhas gaiolas apenas para ser admoestadas e censuradas caso não conseguissem se realocar, através de seus próprios esforços dedicados, contínuos e verdadeiramente infundáveis, nos nichos pré-fabricados da nova ordem: nas classes, as molduras que (tão intransigentemente como os estamentos já dissolvidos) encapsulavam a totalidade das condições e perspectivas de vida e determinavam o âmbito dos projetos e estratégias realistas de vida. A tarefa dos indivíduos livres era usar sua nova liberdade para encontrar o nicho apropriado e ali se acomodar e adaptar: seguindo fielmente as regras e modos de conduta identificados como corretos e apropriados para aquele lugar.” BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 13.

¹⁴ DOUZINAS, Costas. *O fim dos direitos humanos*. Trad. Luzia Araújo. São Leopoldo: Unisinos, 2009, p. 20.

¹⁵ Importante acentuar que diante do prognóstico elaborado, em uma espécie de testamento, o pensador berlinense (Walter Benjamin, em suas profundas análises nas *Teses sobre o conceito de história*) tematiza a condição na qual a humanidade estava imersa. Ao analisar a referida tese, Reyes Mate assevera: “Agora como ontem, de fato, é verdade que, para os oprimidos, o estado de exceção é uma situação permanente. Nem a multiplicação do Estado social de Direito, nem o avanço da democracia liberal, nem o prestígio do discurso sobre os direitos humanos, nem o crescimento da riqueza mundial por obra e graça da globalização econômica, conseguiram mandar ao sótão dos pesadelos a contundente afirmação da tese VIII, a saber que todos esses progressos se dão sobre as

II Guerra Mundiais, Auschwitz, e os totalitarismos). Destarte, Sandro Luiz Bazzanella e Selvino José Assmann ilustram o panorama no qual as sociedades estão implicadas. Nessa senda:

Modernidade e contemporaneidade que têm na racionalidade instrumental da técnica, a condição do pleno controle dos hábitos, costumes, da vida de bilhões de seres humanos, que habitam o campo de concentração global, com suas ilhas de prosperidade, de liberdade, de produção, de consumo, mas também de miséria, de violência, de morte cotidiana de milhares de vidas nuas, de carne humana a ser consumida pela transcendência de mercado em seus fundamentos econômicos auto justificáveis, ou pela razão de Estado que opera na condição de estado de exceção¹⁶, garantindo a ordem jurídica e social de produção de vida nua.¹⁷

Contudo, a racionalidade moderna promotora da ruptura da tradição medieval que se aduz ser e ter uma autoconsciência chegou à extremidade da instrumentalização, modificando o *ethos* e transformando o humano enquanto vivente que passa por uma série de eventos, mas pobre de experiências¹⁸, numa concepção de vivência e de experiência pragmaticamente concebidas, a partir do endeusamento da ciência e da divinização da técnica em seu domínio sobre o outro – a natureza ao ser manipulada, conseqüentemente, o ambiente vital do homem foi alterado. Desse modo, a partir do desenvolvimento da concepção iluminista de racionalidade e da formação da identidade do sujeito moderno, a ciência e a técnica tornaram-se aparatos fundamentais que colaboraram e determinaram o processo de manipulação dos recursos tecnológicos disponíveis em vista de interesses econômicos.

Com a eficácia da razão instrumental¹⁹, que provocou novas atrocidades contra a humanidade, numa sociedade altamente tecnificada, em que a ciência e a

costas de uma parte da humanidade. E se não há direito para alguns, ainda que fossem poucos, que não o são, a dúvida recai sobre a justiça de todo o direito. É certo que o direito é suspenso pela vontade dos poderosos, as guerras produzem mortos e a riqueza, miséria” (2011, p. 11). A partir da passagem destacada podemos perceber e diagnosticar a atualidade em um panorama que indica um estado de coisas em que a barbárie está sedimentada e arraigada no interior da própria cultura enquanto normalização da vida. Os resultados desse processo são novas atrocidades contra a humanidade, guerras, os campos de concentração e extermínio, em estruturas que desumanizam e dominam o ser humano.

¹⁶ Ver: PONTEL, Evandro. *Estado de exceção*: estudo em Giorgio Agamben. Passo Fundo: Ifibe, 2014.

¹⁷ BAZZANELLA, Sandro Luiz; ASSMANN, Selvino José. *A vida como potência a partir de Nietzsche e Agamben*. São Paulo: LiberArs, 2013, p. 30.

¹⁸ Ver: AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história*: destruição da experiência e origem da história. 2. reimpressão. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

¹⁹ Nesse âmbito, diante dos fenômenos que a humanidade tem presenciado desde o florescer do controverso século XX, demarcado por barbáries e horrores sem precedentes, mas que ainda dá o que pensar em tempos atuais (I e II Guerra Mundiais, Auschwitz, e os totalitarismos), indica-se a

técnica são vistas com as únicas vias de acesso à libertação humana, tem revelado à humanidade consequências atemorizantes ao sombrio e tenebroso labirinto da ação humana, fria e calculista. Embora o ser humano não fique alheio à sua história e aos fatos que os envolve de todas as formas, é perceptível que não há suficiente clareza e um prognóstico preciso para se avaliar em que direção caminha a humanidade, que nas palavras de Zygmunt Bauman: “Na escuridão, tudo pode acontecer, mas não há como dizer o que virá. A escuridão não constitui a causa do perigo, mas o habitat natural da incerteza – e, portanto, do medo”²⁰.

Ainda, ao analisar a constituição da modernidade e do modelo de racionalidade que dela emana, Zygmunt Bauman assevera que na pretensão de alcançar determinados fins pré-estabelecidos, a racionalidade instrumental aliada à tecnologia fez surgir novas desumanidades, tanto em nível tanto da sobrevivência, como para uma espécie de caos coletivo: “As oportunidades de ter medo estão entre as poucas coisas que não se encontram em falta nesta nossa época, altamente carente em matéria de certeza, segurança e proteção. Os medos²¹ são muitos e variados”, quanto coletivamente, diante do emergir de metamorfoses (im)pensadas, como a situação que presenciamos atualmente, com o emergir da pandemia e a espectralidade do sobreviver, em um panorama demarcado pelo necropoder/necropolítica enquanto paradigma biopolítico de produção da morte em escala planetária.²²

uma racionalidade totalizante que determina a vida desde os tempos mais primigênicos enquanto expressão máxima de um modelo, um protótipo de racionalidade que expressa a sua face instrumentalizada subjacente à sua própria lógica interna, que é o desenrolar da construção do próprio Ocidente em sua constituição. Nesse sentido, assevera Ricardo Timm de Souza, que é “[...] na Segunda guerra mundial que o mundo revelará sua verdadeira face. Culminância lógica dos Totalitarismos, a Guerra é também a *culminância da lógica do Ocidente*. [...] É apenas no Nazismo – no momento da violência institucionalizada e da aniquilação perfeitamente planejada, racional, iluminada, do Diferente – que a Totalidade ocidental pode finalmente encontrar seus verdadeiros impulsos constitutivos [...]” Disso decorre que os fatos históricos acima narrados são nada mais que a expressão máxima da própria lógica instituída pelo ocidente, sem nenhuma contradição”. SOUZA, Ricardo Timm de. *Totalidade e desagregação: sobre as fronteiras do pensamento e suas alternativas*. Porto Alegre: Edipucrs, 1996, p. 22. [grifos do autor].

²⁰ BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. Trad. Carlos Aberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 8.

²¹ BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. Trad. Carlos Aberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 31.

²² Cf. SOUZA, Ricardo Timm de. *Crítica da razão idólatrica - tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência*. 1. ed. Porto Alegre: Zouk, 2020.

2 Cultura do descartável e mercantilização

A partir da estruturação da modernidade, um dos aspectos demarcadores desse processo é a forma como a vida humana passa a ser gerida no interior das estruturas sociais, culturais, econômicas e mercantis, sob novos padrões de produção e consumo, da livre oferta e da busca de satisfação dos desejos e vontades dos indivíduos, tornando-os parte central da lógica de consumo nas sociedades tardo-capitalistas, que opera a partir da indústria cultural sob o viés de uma cultura de massa. Assim, a indústria cultural, pelos diversificados produtos que consegue oferecer, além de atingir seus objetivos em relação à lucratividade, difunde um padrão de vida estandardizado e homogêneo, com uma oferta de felicidade imediata acessível a cada indivíduo. Segundo Barbara Freitag, “[...] a maior justiça que conduz a uma homogeneização dos indivíduos e das consciências é adquirida às custas da liberdade de cada um. [...] A homogeneização generalizada é o preço que se paga para assegurar o bem-estar generalizado”²³. A consciência crítica é atrofiada e as pessoas facilmente são manipuladas, conforme reproduz-se e opera a *maquinaria* da racionalidade instrumental introjetada nos indivíduos, que molda uma *subjetividade desejan*te, sob a imposição de um modelo, ou padrão de vida unificado, pensado estrategicamente.

Em sentido amplo, a mudança estrutural do processo difundido pela lógica do mercado moderno gerou uma cultura de massa socializada, uniforme, a partir de um enfoque positivista de interpretação científica da realidade ou, em outras palavras, uma racionalização científico-técnica da razão instrumentalizada. A mecanização técnica a serviço da semicultura e a mercantilização em favor da indústria cultural provocou um processo de apagamento e de barbarização do pensamento crítico. Segundo Zygmunt Bauman:

Primeira: o destino final de toda mercadoria colocada à venda é ser consumida por compradores. Segunda: os compradores desejam obter mercadorias para consumo se, e apenas se, consumi-las for algo que prometa satisfazer seus desejos. Terceira: o preço que o potencial consumidor em busca de satisfação está preparado para pagar pelas mercadorias em oferta dependerá da credibilidade dessa promessa e da intensidade desses desejos. Os encontros dos potenciais consumidores com os potenciais objetos de consumo tendem a se tornar as principais unidades na rede peculiar de interações humanas conhecidas, de maneira abreviada, como “sociedade de consumidores”. Ou melhor, o ambiente existencial que se tornou conhecido como “sociedade de consumidores” se

²³ FREITAG, Barbara. *A Teoria Crítica ontem e hoje*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004, p. 40-41.

distingue por uma reconstrução das relações humanas a partir do padrão, e à semelhança, das relações entre os consumidores e os objetos de consumo. Esse feito notável foi alcançado mediante a anexação e colonização, pelos mercados de consumo, do espaço que se estende entre os indivíduos – esse espaço em que se estabelecem as ligações que conectam os seres humanos e se erguem as cercas que os separam.²⁴

O processo educacional favorece uma formação de subjetividades moldadas ao conformismo, de uma *psique* danificada e fragmentada sobre a realidade em que os indivíduos estão inseridos. Resignado pacientemente a se constituir de modo progressivo e integrado a uma ordem social em que a autoconservação do eu reporta intrinsecamente à exterioridade, o indivíduo reproduz o espírito da racionalidade instrumental e da semicultura. Nesse sentido, na leitura de Theodor Adorno, “A formação cultural agora se converte em uma semiformação socializada, na onipresença do espírito alienado”²⁵, no qual o indivíduo é afetado em sua integridade física e mental, que consiste em reproduzir a gênese das relações sociais de produção capitalista em tempo absoluto. Logo, esse panorama evidencia a continuada refundação de uma barbárie, uma experiência suicida contra o próprio indivíduo, em nome de uma falsa ideologia²⁶.

Assim, inseridos e socializados numa dinâmica de “semiformação”²⁷, os indivíduos reproduzem os aspectos estruturais da racionalidade técnico-científica.

²⁴ BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 18-19.

²⁵ ADORNO, Theodor W. Teoria da semicultura. In: *Revista Quadrimestral de Ciência da Educação*, Campinas, ano XVII, n. 56, dez. 1996, p. 339.

²⁶ Um diagnóstico aprofundado das patologias da modernidade. Aguçados pelo avanço de regimes totalitaristas, que produziram dentre os horrores, a II Guerra Mundial, os frankfurtianos (Adorno e Horkheimer na Dialética do Esclarecimento conseguiram expressar, com rara profundidade, a crise dos ideais iluministas e do paradigma da consciência auto iluminada da racionalidade moderna, que na concepção dos autores se tornou instrumental. Na leitura de Eldon Henrique Mühl Adorno e Horkheimer [...] denunciam a dominação do homem e demarcam a realidade social como ideológica, demonstrando que, em nome da ciência e da técnica, se construiu um mundo marcado pela exploração e pela injustiça. A razão iluminada, tão decantada pelos iluministas, havia se tornado, então, um instrumento promotor de grandes atrocidades (1997, p. 246).

²⁷ O pensamento potencializado pela racionalidade instrumental tem suas raízes na autoconservação, na sobrevivência e no medo. A apropriação racional da inteligência tomada pelo sujeito como conceito pronto e reconciliado em seu espírito, ele não a percebe; por outro lado, já é produto coisificado pela racionalidade instrumental, que corresponde aos interesses da racionalidade que impõe seu espírito dominador. Quando a racionalidade está subjacente, espiritualizada internamente no sujeito, ela cada vez mais se torna poderosa, perigosa para o domínio da autoconservação do sistema autoritário. O indivíduo é impulsionado a consumir de forma ilusória os produtos que a indústria cultural dispõe no mercado. Os produtos da indústria cultural possuem imagens representativas, uma linguagem simbólica que influencia no agir dos indivíduos, que ajudam a reproduzir o sistema econômico espontaneamente, sem questionar a realidade vigente. O sujeito está fragilizado, e se encontra previamente determinado e reproduz a autoconservação da racionalidade instrumental. Sobre este tema, conferir: MASS, Olmaro Paulo. *Racionalidade dialética entre mito e esclarecimento: uma leitura da dialética do esclarecimento de T. W. Adorno*. Passo Fundo: Ifibe, 2013.

Ou, em outras palavras, os indivíduos são coagidos a refazer o caminho funcionalista da natureza postulada pela indústria cultural. Nessa acepção, a racionalidade ocidental é paradoxal e contraditória: ao mesmo tempo em que, por meio do conhecimento moderno, técnico e científico, amplia seus horizontes, por outro lado, também [em uma espécie de face oposta da mesma moeda], vai tonando o ser humano refém de suas amarras, fazendo com que v perdendo sua autonomia e o seu potencial de autoesclarecimento crítico. Vejamos, conforme aduz Zygmunt Bauman:

Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. A “subjetividade” do “sujeito”, e a maior parte daquilo que essa subjetividade possibilita ao sujeito atingir, concentra-se num esforço sem fim para ela própria se tornar, e permanecer, uma mercadoria vendável. A característica mais proeminente da sociedade de consumidores – ainda que cuidadosamente disfarçada e encoberta – é a transformação dos consumidores em mercadorias; ou antes, sua dissolução no mar de mercadorias em que, para citar aquela que talvez seja a mais citada entre as muitas sugestões citáveis de Georg Simmel, os diferentes significados das coisas, “e portanto as próprias coisas, são vivenciados como imateriais”, aparecendo “num tom uniformemente monótono e cinzento” – enquanto tudo “flutua com igual gravidade específica na corrente constante do dinheiro”. A tarefa dos consumidores, e o principal motivo que os estimula a se engajar numa incessante atividade de consumo, é sair dessa invisibilidade e imaterialidade cinza e monótona, destacando-se da massa de objetos indistinguíveis “que flutuam com igual gravidade específica” e assim captar o olhar dos consumidores (blasé!).²⁸

Nesse sentido, as pessoas são induzidas a usarem os produtos da indústria cultural, de modo que não há faixa etária que não seja afetada por esse processo, isto é, todas as pessoas estão incluídas num padrão de beleza e de consumo. Sem opção ou escolha sob as influências sofridas pelo uso instrumental da razão, as pessoas são moldadas em sua subjetividade. A sociedade está administrada pelo poder da indústria cultural, que modula a subjetividade incapaz da autorreflexão crítica, ou seja, incapaz de se dar conta de seu real *lugar* nessa lógica. A curta durabilidade dos produtos, a padronização e a venda a partir de propagandas de marketing planejadas estrategicamente é uma forma de manipular os indivíduos. Tudo é de antemão pensando, segundo Zygmunt Bauman, em vista do crescimento das vendas e o descarte dos objetos adquiridos conforme sua data de validade.

Entre as maneiras com que o consumidor enfrenta a insatisfação, a principal é descartar os objetos que a causam. A sociedade de consumidores desvaloriza a durabilidade, igualando “velho” a “defasado”, impróprio para continuar sendo utilizado e destinado à lata de lixo. É pela

²⁸ BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 20-21.

alta taxa de desperdício, e pela decrescente distância temporal entre o brotar e o murchar do desejo, que o fetichismo da subjetividade se mantém vivo e digno de crédito, apesar da interminável série de desapontamentos que ele causa. A sociedade de consumidores é impensável sem uma florescente indústria de remoção do lixo. Não se espera dos consumidores que jurem lealdade aos objetos que obtêm com a intenção de consumir.²⁹

Portanto, a indústria cultural é algo bem pensado, e igualmente, tem uma finalidade própria; apoiar e dar sustentação ao monopólio dos setores industriais que regram-se pela obtenção do maior montante de lucro possível. Os setores mais poderosos da indústria pesada, como: aço, petróleo, eletricidade, química, pertencem a grupos econômicos que vão ampliando seu poder (e poderíamos naturalmente ampliar para inúmeros outros tipos, como a indústria do entretenimento, a farmacêutica, a militar, a indústria da segurança privada, etc.). Esses são beneficiados diretamente pela indústria cultural. Além do aumento do consumo dos bens produzidos, formam a consciência e a cultura de determinada sociedade. Por isso, na compreensão de Zygmunt Bauman,

O fetichismo da subjetividade, tal como, antes dele, o fetichismo da mercadoria, baseia-se numa mentira, e assim é pela mesma razão de seu predecessor – ainda que as duas variedades de fetichismo centralizem duas operações encobertas em lados opostos da dialética sujeito-objeto entranhada na condição existencial humana. Ambas as variações tropeçam e caem diante do mesmo obstáculo: a teimosia do sujeito humano, que resiste bravamente às repetidas tentativas de objetificá-lo.³⁰

Desse modo, os indivíduos são manipulados e induzidos a consumir determinados bens de consumo, que provém da padronização e da produção em série. Os produtos que a indústria cultura dissemina tem por objetivo a satisfação momentânea dos indivíduos, mas a promessa de sua sedução é um desejo irrealizado, pois provoca novos impulsos e vontades, novas necessidades para atingir certo grau de felicidade. Em outras palavras, segundo Zygmunt Bauman,

O mercado de consumo e o padrão de conduta que ele exige e cultiva são adaptados à “cultura do cassino” líquido moderna, que, por sua vez, é adaptada às pressões e seduções do mercado. Os dois se dão bem entre si, se abastecem e se reforçam mutuamente. Para não desperdiçar o tempo do cliente, nem prejudicar ou impedir suas futuras, mas imprevisíveis alegrias, o mercado de consumo oferece produtos destinados ao consumo imediato, de preferência para um único uso, seguido de rápida remoção e

²⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 31.

³⁰ BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 30.

substituição, de modo que os espaços de vida não fiquem congestionados quando os objetos hoje admirados e cobiçados saírem de moda. Os clientes, confusos pelo turbilhão da moda, pela atordoante variedade de ofertas e o ritmo vertiginoso de sua mudança, não podem mais recorrer à capacidade de apreender e gravar – e assim, precisam (e o fazem com gratidão) aceitar as garantias de que o produto atualmente em oferta é “coisa”, “a coisa quente”, o “must”, aquilo “(com/em) que devem ser vistos”.³¹

A ação prática dos indivíduos é permeada por concepções funcionalistas do positivismo, que personaliza e padroniza e anestesia o pensamento autocrítico por uma posição favorável à instrumentalização da razão, para uma interpretação tradicional da realidade. Em outras palavras: trata-se da manutenção do existente, eminentemente determinada por uma sociedade administrada, que (im)possibilita fomentar um pensamento crítico e uma ação transformadora, pois “[...] nunca como agora as negatividades foram tão necessárias para iluminar, contrastivamente, as positivities verdadeiras, ou seja, a negatividade enquanto algo que opõe-se ao estabelecido, ou seja, contrariamente às positivities estabelecidas como verdadeiras”³². Destarte, o próprio pensar crítico é desconstituído de seu aporte prático, da possibilidade de tornar-se força prática, enquanto sinônimo de potência transformadora por meio do movimento dialético de sua própria ação/reflexão/ação.

3 Pensar contra o medo e a barbárie: dialética crítica e direitos humanos

Quando Adorno e Horkheimer formularam a teoria crítica clássica, gerada pela experiência de outra modernidade, obcecada pela ordem, e assim informada e orientada pelo *telos* da emancipação, era muito diferente o modelo em que se escrevia, com bom fundamento empírico, a ideia de crítica.³³

A sociedade na qual vivemos ainda carrega os *rastros, os restos, espectros* de barbáries, que se produzem e reproduzem no interior da cultura, sinais de destruição, de morte e de vidas sacrificáveis, o sofrimento e o medo resultantes de lógicas totalizantes³⁴, que determina quais vidas merecem viver e que vidas podem

³¹ BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Trad. Carlos Aberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 146.

³² SOUZA, Ricardo Timm de. *Ética do escrever: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência*. Porto Alegre: Zouk, 2018, p. 253.

³³ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 32.

³⁴ Cf. SOUZA, Ricardo Timm de. *Crítica da razão idólatra - tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência*. 1. ed. Porto Alegre: Zouk, 2020.

ser sacrificadas, descartadas. Nesse sentido, Ricardo Timm de Souza, em um olhar prospectivo acerca do tempo que corre, afirma:

O mundo contemporâneo, em seu veio principal e por exigência inelutável do tardo-tecno-capitalismo, é *de facto* uma imensa e infernal máquina, ou maquinismo, de transformação contínua de qualidades, singularidades, em quantidades, generalidades, ou seja, de transformação do diferente em indiferenciado [...] Mas desde o século XX, e ainda mais nas intempéries desse início de século e milênio no qual habitamos, o real debate-se exatamente nesta contradição: o “está consumado” – “consumado” que não significa, ao fundo, senão a violentação do passado e do futuro no presente totalizante –, sua impessoalidade escatológica, deixa por trás de si um volume imenso de restos, traços, *espectros*, espessuras, sonhos vivos, não aceitos, não relacionados, não resolvidos. O maciço de ruínas benjaminianas continua seu crescimento aparentemente inelutável. E, em meio a esses fatos, as hipócritas promessas de felicidade, esses espíritos vagantes, insuflam-se sempre novamente de aceitabilidade no mundo de escolhas muito escassas.³⁵

Nesse âmbito de circunscrição, a partir do século XX estamos imersos em um processo civilizatório em que se desenrola uma profunda crise que se configura, conforme Ricardo Timm de Souza “[...] na mais obstinada e incansável procura da absorção do Diferente em um determinado dimensionamento de sentido unívoco – o que temos chamado em muitas circunstâncias “Totalidade” ou processo de totalização”³⁶. Essas formas de violência se manifestam de modos multiformes e pluridimensionais, as quais se naturalizaram e se sedimentaram a partir de um pensamento hegemônico e totalizante, que passou a definir os diversos campos de atuação e de gestão das realidades, pensados e motivados estrategicamente. Em outras palavras, a instrumentalização das formas de pensar e os padrões de comportamentos predominantes promovem o autoritarismo e configuram-se como expoentes de transformações sociais e culturais.

Frente a essa configuração, Zygmunt Bauman ao revisitar a teoria crítica, destaca que a dialética enquanto método e caminho do negativo, almeja inserir no interior da história, ou seja, aquilo que escapou à história após a sua exposição por meio da dialética positiva, que sustentou-se pelo viés de sua determinação, o movimento de sua realização. A busca da totalidade, sustentada por intermédio de um método, é considerada incapaz de romper com sua própria pretensão última do

³⁵ SOUZA, Ricardo Timm de. (Dis)pensar o ídolo. Responsabilidade radical no pensamento contemporâneo. *Quadranti*, Salerno. Vol. II, n. 2014, p. 70-72.

³⁶ SOUZA, Ricardo Timm de. (Dis)pensar o ídolo. Responsabilidade radical no pensamento contemporâneo. *Quadranti*, Salerno. Vol. II, n. 2014, p. 73.

conhecimento esclarecedor, que ofusca a própria análise dialética ao fazer a experiência da contradição entre a realidade e a realização dialética.

Vê-se, deste modo, no desenvolvimento dessa abordagem, a categoria da mediação que estabelece a possibilidade do pensamento experimentar as principais contribuições que sobrevivem do princípio de autoconservação e, a todo custo, em vista de sua segurança reivindicam expor a sua pretensa verdade sem separar-se do próprio método, que é intrinsecamente seu aparato essencial e sua segurança. Frente à dialética, a tarefa primordial consiste, na senda do exposto por Adorno, em concebê-la como tarefa, enquanto abertura, isto é, a dialética como liberdade de expressão e de relação recíproca com o seu meio e com suas perguntas. Frente a essa compreensão de crítica Zygmunt Bauman afirma que,

A necessidade de pensar é o que nos faz pensar, disse Adorno. Sua *Dialética Negativa*, essa longa e tortuosa exploração dos modos de ser humano num mundo inóspito à humanidade, acaba com a frase contundente, mas em última análise vazia: ao fim de centenas de páginas, nada foi explicado. O segredo de ser humano permanece tão impenetrável como no começo da jornada. Pensar nos faz humanos, mas é por sermos humanos que pensamos. O pensar não pode ser explicado; mas não precisa de explicação. O pensar não precisa ser justificado; mas não poderia ser justificado, ainda que tentássemos.³⁷

Essa crítica se realiza na experiência e o seu conteúdo se recusa a alicerçar-se em forma de sínteses acabadas ou inerentes à totalidade conceitual. Querer tomar a totalidade numa formulação que adquire um sentido único em relação a seu conteúdo submete a realidade ao pensamento totalitário e unívoco. Em outras palavras, a tensão central está na insuficiência daquilo que vai além do conceito como possibilidade de uma crítica imanente. Os principais elementos que os conceitos carregam em si possibilitam a esperança e o alento de uma nova expressão filosófica sem características ou determinações conclusas em suas expressões e procedimentos. Assim, o papel de uma autorreflexão crítica é de acentuar que a realidade está em permanente processo de contradição e que a negatividade da dialética preserva o *lugar do oposto* (do outro), como possibilidade da existência de um conteúdo crítico que produz um pensamento caracterizado como *desuniforme*.

A reconciliação entre pensamento e realidade, dessa forma, pretende partir da mediação com a multiplicidade, a fim de estabelecer e constituir uma relação com o não-idêntico. Nota-se, por conseguinte, que nenhuma razão legitimadora

³⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p. 51.

consegue impor a lógica da dominação frente aos *vestígios, escombros e rastros da história* por meio de um pensamento que pretende abranger o real por sua força. A dor se manifesta no silêncio face ao desespero e a esperança consegue sobreviver em gritos e ecos, capaz de revigorar a razão do não-idêntico. O real vem à tona e se manifesta na sua dimensão mais ética possível, pois, conforme destaca Ricardo Timm de Souza o “[...] mundo que afinal de contas está cheio de vestígios e de escombros, em outras palavras, está cheio de *dor*. E achar esperança no meio da dor não é fácil. Porém, o tempo, temporalidade nos ensina que ela está lá”.³⁸

Essa vitalidade do pensar dialético, na perspectiva adorniana, relida por Zygmunt Bauman, salvaguarda uma racionalidade que permite trazer à superfície, às luzes da investigação, um pensamento que pode proporcionar uma racionalidade que não se identifica pretender possuir uma verdade em si mesma, em se deixar abarcar pelo sistema organizado na qual está imersa a sociedade contemporânea. O pensamento, nesse sentido, é imposto por um sistema organizado que configura e determina a realidade a partir de conceitos a fim de fortalecer uma ideologia que está fragilizada, e indica um estado de crise em âmbitos multidimensionais.

Considerações finais

Frente ao exposto, por mais aterrorizantes e paradoxais que possam parecer os acontecimentos perpetrados contra a humanidade no século XX, essa lógica totalizante segue em plena ascensão nos tempos que correm, aspectos demarcadores da configuração (geo)política em âmbito mundial³⁹. Assim, embora a lógica da máquina biopolítica que define o humano se expresse de formas multidimensionais em cada horizonte conjuntural específico, permanece o desafio constante que se situa em questionar o o estado de coisas no qual a humanidade está mergulhada, qual seja: “[...] a tarefa de autocompreensão do sentido contemporâneo possível do propriamente humano corresponde à compreensão das possibilidades da ruptura da Totalidade da violência biopolítica através da crítica radical”⁴⁰. Certamente, essa constitui-se como condição primeira para se pensar o

³⁸ SOUZA, Ricardo Timm de. Ética em Adorno. In: WERLANG, Júlio Cesar; ROSIN, Nilva (Orgs.). *Theodor Adorno: diálogo filosófico em educação, ética e estética*. Passo Fundo: IFIBE, 2011, p. 48.

³⁹ Ver: SOUZA, Ricardo Timm de. *Crítica da razão idólatra* - tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência. 1. ed. Porto Alegre: Zouk, 2020.

⁴⁰ SOUZA, Ricardo Timm de. *Levinas e a ancestralidade do mal: por uma crítica da violência biopolítica*. Porto Alegre: Edipucrs, 2012, p. 78.

por vir da democracia, novas formas de vida, (sociabilidade humana e não humana), a compreensão de uma nova noção de usos das coisas, a vida humana como um fim em si mesmo, em um novo *ethos*, que possa romper as amarras vigentes de necropoder, inscrustadas no interior das sociedades atuais.

Enfim, aceitando e adotando a noção de *metamorfose* exposta por Ulrich Beck, que compreende-a enquanto transfiguração, expressão de processos inesperados, que ocorrem e prevalecem além dos domínios da política e da democracia, enquanto efeitos secundários da modernização técnica e econômica mundial, podemos analisar e buscar situar a pandemia como que aquilo que até pouco tempo colocava-se no campo do impensado/impensável, mas que tornou-se real⁴¹. Nessa esteira, e ao reverso de uma postura pessimista, ou de uma leitura apocalíptica sobre os tempos que correm, embora seja constatável a perpetuação do medo e da danificação da vida em escala ascendente⁴², a pandemia poderá ajudar-nos a rever algumas questões pendentes e que são basilares, quais sejam: um possível redimensionamento da *forma como nos organizamos, como ordenamos à disposição das coisas, os usos de fazemos de si, o uso do mundo, das coisas, visto que, em última instância a relação primeira e originária do ser humano*⁴³, *é a relação de uso, pois habitamos um mundo*, o que coloca em xeque a relação de pertencimento, que muito provavelmente será um dos grandes desafios das gerações que vem, sobre sua pertença à terra.

Em suma, certamente algumas demandas passarão a ser recorrentes, dentre as quais, cumpre destacar: a forma com a qual o humano se relacionará com os bens presentes no mundo, a emergência da questão climática, os sinais de esgotamento que a terra vem apresentando ao redor do globo, até demandas que giram acerca das escolhas políticas futuras. Essas questões emergentes requerem que a razoabilidade e o bom senso imperem, e que posicionamentos contrários ao saber científico e, de cunho negacionistas, que ainda corroboram para o aniquilamento de tantas vidas, não se perpetuem no exercício efetivo de poder e de governança

⁴¹ BECK, Ulrich. *A metamorfose do mundo: como as alterações climáticas estão a transformar a sociedade*. Trad. Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2017, p. 11-12.

⁴² Para tal, bastaria uma leitura sob as lentes do anjo da história benjaminiano, como exercício de escovar o pelo ao seu reverso, enquanto condição de possibilidade de se contar uma história a partir das margens, dos oprimidos, em um momento em que praticamente mais de meio milhão de brasileiras, de brasileiros, tombaram, apensar de/perante toda dor vivida e os sofrimentos que serão marcados na vida de cada um e de cada uma.

⁴³ Cf. AGAMBEN, Giorgio. *O uso dos corpos*. Trad. Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2017.

estatal, sob pena de se seguir alimentando a máquina biotanatopolítica⁴⁴ que tritura vidas, paralisa sonhos e histórias, vozes que foram emudecidas, mas que ecoam, que exigem o exercício do lembrar, enquanto antídoto à produção do medo, da danificação da vida e, em última instância, da morte.

Referências

ADORNO, Theodor W. *Dialética Negativa*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Zahar ed., 2009.

ADORNO, Theodor W. Teoria da semicultura. In: *Revista Quadrimestral de Ciência da Educação*, Campinas, ano XVII, n. 56, dez. 1996.

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. 2. reimpressão. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. Trad. Carlos Aberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008a.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Zahar, 2008b.

BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007a.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007b.

BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Trad. Carlos Aberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *O Amor Líquido: sobre a fragilidade das relações humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BAZZANELLA, Sandro Luiz; ASSMANN, Selvino José. *A vida como potência a partir de Nietzsche e Agamben*. São Paulo: LiberArs, 2013.

⁴⁴ Cf. PONTEL, Evandro. Estado de exceção e a governamentalidade da vida: a guerra como paradigma político. In: *Veritas*, v. 64, n. 3, 2020, p. 1-30. Doi: <http://dx.doi.org/10.15448/1984-6746.2019.3.34648>

BECK, Ulrich. *A metamorfose do mundo*. Tradução Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2017.

DAVIS, Mike, et al. *Coronavírus e a luta de classes*. Terra sem Amos: Brasil, 2020.

DOUZINAS, Costas. *O fim dos direitos humanos*. Trad. Luzia Araújo. São Leopoldo: Unisinos, 2009.

FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato si: sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulus, São Paulo: Loyola, 2015.

FREITAG, Barbara. *A Teoria Crítica ontem e hoje*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MASS, Olmaro Paulo. *Racionalidade dialética entre mito e esclarecimento: uma leitura da dialética do esclarecimento de T. W. Adorno*. Passo Fundo: Ifibe, 2013.

MASS, Olmaro; PONTEL, Evandro. Suportar o (in)suportável e a normalização do medo e da vida danificada um diálogo a partir de Zygmunt Bauman. In: PONTEL, Evandro. et al. (Org.). *Diagnóstico do tempo: implicações éticas, políticas e sociais da pandemia*. 1ed. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2020, p. 463-482.

MATE, Reyes. *Memórias de Auschwitz: Atualidade da Política*. Trad. Antonio Sidekun. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2005.

MATE, Reyes. *Meia-noite na história: comentários às teses de Walter Benjamin sobre o conceito de história*. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2011.

MÜHL, Eldon Henrique. Modernidade, racionalidade e educação: a reconstrução da *Teoria Crítica* por Habermas. In: PUCCI, Bruno; OLIVEIRA, Newton Ramos; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. *A educação danificada: contribuições à Teoria Crítica da educação*. Petrópolis: Vozes; São Carlos: EFSscar, 1997.

PONTEL, Evandro. *Estado de exceção: estudo em Giorgio Agamben*. Passo Fundo: Ifibe, 2014.

PONTEL, Evandro. Estado de exceção e a governamentalidade da vida: a guerra como paradigma político. In: *Veritas*, v. 64, n. 3, 2020, p. 1-30. Doi: <http://dx.doi.org/10.15448/1984-6746.2019.3.34648>

SOUZA, Ricardo Timm de. *Totalidade e desagregação: sobre as fronteiras do pensamento e suas alternativas*. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.

SOUZA, Ricardo Timm de. Ética em Adorno. In: WERLANG, Júlio Cesar; ROSIN, Nilva (Orgs.). *Theodor Adorno: diálogo filosófico em educação, ética e estética*. Passo Fundo: IFIBE, 2011.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Levinas e a ancestralidade do mal: por uma crítica da violência biopolítica*. Porto Alegre: Edipucrs, 2012.

SOUZA, Ricardo Timm de. (Dis)pensar o ídolo. Responsabilidade radical no pensamento contemporâneo. *Quadranti*, Salerno. Vol. II, n. 2014, p. 69-87.

SOUZA, Ricardo Timm de. Ética do escrever: Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência. Porto Alegre: Zouk, 2018.

SOUZA, Ricardo Timm de. *Crítica da razão idolátrica* - tentação de Thanatos, necroética e sobrevivência. 1. ed. Porto Alegre: Zouk, 2020.

Recebido em: 16/07/2021.
Aprovado em: 05/08/2021.
Publicado em: 05/08/2021.